



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
DO SUL
UNIDADE DE DOURADOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

GABRIEL MARCHETTO

CEGOS NA ESCURIDÃO: A ESTÉTICA DA CEGUEIRA EM DEBATE

DOURADOS/MS

2016



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
DO SUL
UNIDADE DE DOURADOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

GABRIEL MARCHETTO

CEGOS NA ESCURIDÃO: A ESTÉTICA DA CEGUEIRA EM DEBATE

Trabalho apresentado à disciplina de Literatura Brasileira II do Curso de Graduação em Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Dourados, como requisito para obtenção de nota na respectiva disciplina.

Professora Orientadora: Prof.^a Msc. Raquel de Oliveira Fonseca

DOURADOS/MS

2016

Peixoto (1992) inicia seu texto comentando acerca dos filmes mudos, os quais eram dotados de um profundo silêncio e raramente ouvia-se um ruído de alguma música no fundo, o autor argumenta que as figuras em preto e branco de tais filmes emanavam naturalidade e realidade, o que contrasta muito com as imagens que vemos no cinema contemporâneo, as quais não deixam muito espaço para interpretações, são “imagens prontas e a finalizadas em si mesmas” como disseram os vários cineastas presentes no documentário “Janela da Alma”, dos diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho.

A grande maioria das imagens que vemos, atualmente, tentam incansavelmente nos vender alguma coisa, seja algum produto ou alguma ideia. O apelo mercadológico carrega as imagens de nosso cotidiano, tanto que acabamos ficando cegos para as coisas simples, as imagens simples de nossa vida, as quais acabam passando despercebidas diante de tanta movimentação e tumulto. O documentário de João Jardim e Walter Carvalho se dispôs a discutir a visão e seu valor em nossa sociedade, apresentando personagens cegos e também cineastas que possuíam visões diferenciadas do que realmente era “enxergar” no mundo em que vivemos.

A própria escolha do título do documentário é algo passível de inúmeras interpretações, pois os olhos são conhecidos comumente como a janela da alma, mas alguns autores no documentário comentam a respeito dessa expressão, ao afirmarem que uma janela parece ser algo passivo, algo que está ali recebendo luz e estímulos externos inertemente, portanto comenta-se que nossos olhos acabam realizando esta mesma função da janela, pois recebemos tantos estímulos e somos expostos a tantas imagens e vídeos que nossos olhos acabam atuando como janelas, apenas recebendo apaticamente tudo o que lhe é projetado.

No filme “dançando no escuro” dirigido pelo diretor dinamarquês Lars von Trier, somos apresentados a Selma, uma imigrante tcheca que se mudou para os Estados Unidos em busca de melhores oportunidades para si mesma e principalmente para seu filho Gene. No entanto, logo no início do filme percebemos que Selma está perdendo sua visão por conta de uma doença genética, o que também acontecerá com seu filho. Porém, a condição de cegueira de Selma e seu filho pode ser revertida com uma intervenção médica, mas a cirurgia é demasiadamente cara e Selma trabalha noite e dia para juntar dinheiro com o intuito de pagar a cirurgia de seu filho.

A personagem Selma tem uma grande paixão, os musicais, para ela a vida é como se fosse um grande musical que nunca teria final, ela inclusive não gosta de imaginar que os musicais irão ter um fim, pois em certo momento do filme afirma que nunca gosta de assistir à

última música dos musicais, pois dessa forma é como se eles nunca tivessem fim e permanecessem incessantemente cantando e dançando em seus “universos paralelos”. Selma parece viver em um universo paralelo criado e destinado a si mesma, pois em vários trechos do filme a personagem “sonha acordada” e imagina que está vivendo em seu próprio musical, onde ela pode esquecer todos os seus problemas e deficiências, onde ela não é mais cega, onde todos dançam, cantam e são imensuravelmente felizes.

Entretanto, Selma negligencia a própria existência e bem-estar em prol de seu filho, ela está disposta a fazer todos os sacrifícios necessários para assegurar que seu filho nunca precise passar pelo que ela está passando: a perda lenta e gradual de sua visão. Em certo momento da narrativa ficamos chocados com o nível de abstração de Selma e como ela não pensa em si mesma em nenhum momento, ela é extremamente altruísta e modesta, o que faz com que questionemos, muitas vezes, se tudo o que ela fez no filme seria realmente o correto para ela e seu filho.

O final do filme é trágico, mas belo ao mesmo tempo, pois apesar de todos os infortúnios, Selma consegue assegurar que seu filho faça a cirurgia e dá um fim ao quadro de cegueira que estava imposto a seu filho, mas para que isso aconteça, Selma dá a sua vida em troca da visão de seu filho: a vida pela visão. Tal ato nos faz questionar qual o papel tão essencial da visão em nossa sociedade que faz a personagem do filme dar sua própria vida em troca dela? Esta pergunta não pode ser facilmente respondida e nem conseguirei dar conta dela neste trabalho, mas apenas questionar-se a respeito disso já é um ato significativo, pois colocamos em cheque nossa própria percepção do valor atribuído a visão em nossa sociedade.

Ao comentar a respeito do questionamento acerca do que a visão representa para nossa sociedade, não posso deixar de mencionar o conto “Amor” de Clarice Lispector, o qual nos apresenta a personagem Ana, uma dona de casa comum que vive uma vida pacata e confortável com seu marido e filhos. No entanto, quando Ana vê a um homem cego parado na rua mascando chiclete, aquilo mexe com suas convicções e a personagem passa a questionar não só a si mesma como também a própria sociedade:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

Este trecho demonstra bem a perplexidade de Ana diante da figura do cego, como ela tentava organizar sua vida e de todos de sua família de forma linear e ordenada, tentava ser uma pessoa compreensiva e bondosa, vivia sua vida de maneira despreocupada, pois tudo estava ao alcance de sua mão, tudo parecia tão “fácil” para ela, pois os dias apenas passavam despreocupadamente, no entanto, a figura do cego rompeu toda aquela calma, todas as certezas que a personagem tinha até então, tudo ao seu redor transformou-se em algo bizarro e hostil. “[...] E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente”. (LISPECTOR, 1998, p. 19).

A história de Clarice Lispector dialoga, também, com o conto “O cego de Ipanema” de Paulo Mendes Campos. Campos nos apresenta a figura de um homem cego sem nome, aparentando ser um senhor de idade um pouco avançada “[...] rosto alçado, seu passo firme a disfarçar um temor quase imperceptível, seus olhos vazios de qualquer expressão familiar, suas roupas rotas compunham uma figura misteriosamente elegante [...]” (CAMPOS, 2006, p. 30). O autor apresenta o cego como um personagem simples, frequentador de um botequim escuro, um personagem que o autor parecia conhecer muito pouco, mas apesar de misterioso, era muito distinto:

Ele parava ali na esquina, inclinava a cabeça para o lado, de onde vêm ônibus monstruosos, automóveis traiçoeiros, animais violentos da selva de asfalto. Se da rua chegasse apenas o vago e inquieto ruído a que chamamos silêncio, ele a atravessava como um bicho assustado, sumia dentro da toca, que é um botequim sombrio. Às vezes, ao cruzar a rua, um automóvel encostado à calçada impedia-lhe a passagem. Ao chocar-se com o obstáculo, seu corpo estremeceu; ele disfarçava, como se tivesse apenas tropeçado, e permanecia por alguns momentos em plena rua, como se a frustração o obrigasse a desafiar a morte. (CAMPOS, 2006, p. 29).

O trecho anterior ilustra bem o estereótipo que muitos de nós conhecemos como o que um cego deve ser, mas não pude deixar de sentir uma inquietação semelhante à de Ana do conto “Amor” ao ler este texto, sinto-me com a mesma ansiedade e inquietação da personagem de Lispector, com o mesmo sentimento de piedade, parece até que eu não “sabia” da existência da cegueira antes, Sinto a mesma frustração e estranhamento de Ana diante de tudo que vejo ao meu redor, pois eu acredito que não é possível ler todos os textos e assistir a todos os filmes vistos até então para a realização deste trabalho e não fazer os seguintes questionamentos: O que eu realmente vejo? Os meus olhos são como janelas que aceitam passivamente inúmeras imagens e estímulos externos fora de contexto? Até que ponto eu não me assemelho ao cego de Ipanema, ou a tantos outros cegos? Selma estava realmente “sonhando acordada e vivendo em

um universo paralelo” ou ela estava enxergando o mundo genuinamente e nós é que somos os verdadeiros cegos?

Gostaria de ter a solução para todas as questões anteriores, mas ainda não possuo todas as respostas e não sei se um dia as possuirei. No entanto, acredito que daqui para frente tentarei enxergar tudo o que está ao meu redor da forma mais autêntica possível, pois não quero ser mais um cego perdido na escuridão.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, P. M. **O Amor acaba: crônicas líricas e existenciais**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

DANÇANDO no escuro. Direção: Lars von Trier. Zentropa Entertainments. Dinamarca, 2000. 140 min. Som, Cor.

JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Brasil, 2001. 73 min. Som, Cor/P&B.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PEIXOTO, N. B. **Ver o invisível: a ética das imagens**. IN: NOVAES, A (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.